

A CADEIRA 33 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA PATRONO – EDUARDO CARLOS PEREIRA

Resumidamente, mostraremos aqui a importância de Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) na gramaticologia brasileira. Foi também conhecido por ter abraçado o credo religioso do protestantismo presbiteriano, utilizando-se do jornal *O Estandarte*, que fundou em 1893 e no qual atuou como redator responsável.

O século XIX teve, no método histórico-comparativo, sua principal fonte de análise e investigação da linguagem humana. Houve a eclosão de uma série de gramáticas, utilizando esse método como principal referência teórica e fonte de inspiração. Durante meio século, de 1880 a 1930, prevaleceu uma tendência gramatical de inspiração positivista. Júlio Ribeiro, com a *Grammatica Portuguesa*, consolida no Brasil a concepção de linguagem como um conjunto de regras científicas, *positivas*, que devem ser adotadas como normas prescritivas invariáveis. Só a partir de 1930, é que teremos certa insubordinação frente às normas gramaticais puristas.

Esse período da gramaticografia, que abarca também as três primeiras décadas do século XX, aponta para um saber metalinguístico, ainda com um lastro positivista de herança lusitana, principalmente com Adolfo Coelho e Teófilo Braga, com um ideário linguístico voltado para as querelas linguísticas na defesa do purismo e, ainda, para a reforma ortográfica e discussões lexicais sobre estrangeirismos e neologismos por empréstimo.

Essa tendência linguística criou uma cultura normativista que fundamentou os usos da língua portuguesa no Brasil. Nesse período grandes nomes, a começar por Júlio Ribeiro, que inaugurou o método histórico-comparativo, chegando a João Ribeiro (*Gramática portuguesa*, 1887), Maximino Maciel (*Gramática Analítica*, 1887), Pacheco Silva e Lameira Andrade (*Gramática da Língua Portuguesa*, 1887), Eduardo Carlos Pereira (*Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, 1907) e outros.

Eduardo Carlos Pereira foi professor no ginásio de São Paulo, onde atuou até a morte. Suas gramáticas tiveram grande repercussão. Numa entrevista de Evanildo Bechara a Neusa Bastos, da PUC-SP, em 2006, o mestre disse que “Nosso livro de cabeceira era a Gramática de Eduardo Carlos Pereira”. Mas o mestre Bechara, desde menino, descobriu as obras de Said Ali com quem conviveu e aprendeu grandes lições.

Em 1895, Eduardo Carlos Pereira presta concurso público no Ginásio Oficial do Estado de São Paulo e, juntamente com Carlos Lentz, foi aprovado e nomeado como professor catedrático, no mesmo ano.

As principais obras de Eduardo Carlos Pereira, como filólogo e linguista, foram: *Gramática Expositiva* – curso superior (14.2.1907), com 98 edições; *Questões de Filologia* (1908), uma resposta aos críticos da Gramática Expositiva; *Gramática Expositiva* – curso elementar (dezembro de 1907), com 153 edições; *Gramática Histórica* (1916), com 10 edições, comprovando-se a grande aceitação de seus trabalhos.

Em suas gramáticas, tanto utilizou exemplos de Camões, Antônio Vieira, Sá de Miranda, Alexandre Herculano, Castilho, Camilo Castelo Branco e Gonçalves Dias, quanto de filólogos e linguistas mundialmente conhecidos: Diez, Meyer Dücke, M. Bréal, Andrés Bello etc., além de João Ribeiro, Cândido de Figueiredo, Rui Barbosa. Daí o ecletismo de sua obra.

Foi responsável pela tradução da Bíblia Sagrada, editada em 1917, uma das mais fiéis em língua portuguesa.

Com esta pequena biografia, cremos que prestamos uma homenagem também a Leodegário Amarante de Azevedo Filho, ocupante, por muitos anos, da cadeira 33 da Academia Brasileira de Filologia, cujo patrono é Eduardo Carlos Pereira.

Manoel P. Ribeiro